



## **Revista Continente - marcas da cultura regional no jornalismo pernambucano<sup>1</sup>**

Ana Carolina Costa dos ANJOS<sup>2</sup>

Lorena Dias de SOUZA<sup>3</sup>

Patrícia STRÖHER<sup>4</sup>

Universidade Federal do Tocantins - TO

### **Resumo**

Para relacionar o termo cultura à realidade da sociedade brasileira, deve-se considerar o processo de formação e constituição de identidade cultural no país. Nesse sentido, o jornalismo configura-se como um dos meios para a consolidação de uma cultura, seja ela nacional ou regional. Em decorrência do desenvolvimento dos aparatos tecnológicos presentes na vida moderna, o jornalismo passou a veicular informações rápidas e superficiais. No caso do jornalismo cultural, as informações aprofundadas encontraram espaço em veículos de periodicidade mais longa, as revistas, recebendo assim tratamento diferenciado. Portanto, esse artigo consiste em analisar de que forma a revista Continente veicula a cultura regional. Para tanto, foram selecionadas três edições a fim de identificar marcas da cultura pernambucana presentes no conteúdo da revista.

**Palavras-chave: Cultura; Jornalismo Cultural, revista Continente**

### **INTRODUÇÃO**

Entendendo que as palavras têm uma história e que também são agentes de transformação da história, o termo cultura peculiarmente demonstra esta premissa, uma vez que carrega em seu significado uma complexidade social, econômica e política. A etimologia nos ensina que a palavra está ligada ao verbo *colere (colo)*, que significa cultivar. Todavia, cultura também recebe outras denominações, como cuidar de, habitar, venerar, respeitar e honrar. A palavra enquanto efeito pode ser entendida como o resultado desse cultivo, de ter cuidado com, de respeito<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010

<sup>2</sup> Aluna de graduação do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins e membro do grupo de pesquisa (CNPq) Jornalismo e Multimídia. Email: [caroldosanjos23@gmail.com](mailto:caroldosanjos23@gmail.com).

<sup>3</sup> Aluna de graduação do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins e membro do grupo de pesquisa (CNPq) Jornalismo e Multimídia. Email: [lorenads@rocketmail.com](mailto:lorenads@rocketmail.com).

<sup>4</sup> Aluna de graduação do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins e membro do grupo de pesquisa (CNPq) Jornalismo e Multimídia. Email: [patistroher@gmail.com](mailto:patistroher@gmail.com).

<sup>5</sup> Teixeira, Nísio. **Impacto da internet sobre a natureza do Jornalismo Cultural**. Disponível em: [http://www.fca.pucminas.br/hipertexto/n\\_teixeira.doc](http://www.fca.pucminas.br/hipertexto/n_teixeira.doc). Acesso em 18 de dezembro de 2009.



Dentro das várias conceituações do termo – cultura – também pode estar associado à formação intelectual da pessoa, ou, até mesmo, às manifestações artísticas propriamente ditas, tais como o teatro, a música, a pintura, o cinema e a escultura. Os meios de comunicação de massa (rádio, TV, cinema, jornal) também podem ser considerados como elementos de uma cultura. Já as festas, as cerimônias tradicionais, as lendas, as crenças, o vestuário, o idioma e a culinária de um povo ou de uma nação são componentes indiscutíveis no que diz respeito à conceituação de cultura.

A partir dessas informações, é possível dizer que cultura possui, pelo menos, duas concepções básicas: a primeira remete a todos os aspectos de uma realidade social (a existência de um povo); enquanto a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo. Dentro dessa perspectiva a cultura é tudo que é produzido pelo ser humano e que pode representá-lo. O termo cultura é produto do contato, das relações sociais, ou seja, da comunicação. Assim, os símbolos, as manifestações culturais e o *ethos*<sup>6</sup> de um povo são encontrados nas entrelinhas das produções humanas expressos em qualquer formato que possa ser notado pelo outro.

Segundo Sodré (1974, p. 03), cultura pode ser entendida como um “fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem.” Segundo o mesmo, cultura é ainda compreendida como um “conjunto de formas da vida espiritual da sociedade” que se desenvolvem em relação direta com o modo de produção dos bens materiais historicamente determinados.

Para Raymond Williams (1992, p. 10), o termo cultura, a partir do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, começou a ser empregado com o sentido de “configuração ou generalização do espírito” que informa o modo de vida global de um determinado povo. Para Siqueira e Siqueira (2003, p.6), a cultura modificou-se do conceito de cultivo da terra à “cultura do espírito humano”, tendo feito a passagem de “um plano concreto para um plano abstrato: o pensamento”. Retomando a Williams (1992) cultura tem:

[...] uma gama de significados desde (i) *um* estado mental desenvolvido – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) *os processos desse desenvolvimento* – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até (iii) *os meios desses*

---

<sup>6</sup> O termo aqui é entendido segundo a conceituação defendida por Certeau (1980), como sendo um determinado modo de ser, estar e viver no mundo.



*processos* - como em cultura considerada como “as artes” e “o trabalho intelectual do homem”. Em nossa época, (iii) é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social. (WILLIAMS, 1992, p.11)

Além destas concepções ao redor do termo, o autor ainda afirma que cultura também é o “resultado de formas precursoras de convergências de interesses”<sup>7</sup>, sendo duas as formas principais:

(a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em atividades “especificamente culturais” [...]. E, (b) ênfase em uma ordem social global no seio da qual uma cultura específica, quanto a estilo de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (WILLIAMS, 1992, p.11)

Dentro desta perspectiva da ênfase de uma *ordem social global*, também classificada como materialista, a cultura pode ser encarada “como um *sistema de significados* mediante o qual uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p.13).

A cultura perpassa sistemas (econômico, político e geracionais, ou seja, de parentesco e família) onde cada um tem sua forma de funcionar e constitui-se como elemento de um aparelho de significações maiores, isto é um *sistema social* (WILLIAMS, 1992, p. 206). Por isto, cultura não inclui somente as artes e as formas de produção intelectual, mas todas as práticas significativas – “desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo”<sup>8</sup>.

### **Cultura brasileira e regional**

Para relacionar a cultura à realidade da sociedade brasileira, deve-se considerar o processo de formação e constituição de identidade cultural<sup>9</sup> no Brasil. Valendo-se da idéia de que a identidade cultural, faz referencia, ao menos, a priori, à questões mais abrangente da denominada identidade social, pois é um dos componentes. Assim e, de

<sup>7</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>8</sup> Idem, p. 13

<sup>9</sup> A expressão identidade segundo Maia (2005 p. 117) apud Gulberg (1998, p. 136) pode ser entendida “como um conjunto de características comuns com o qual grupos humanos se identificam (e este termo alude ao processo psicológico de interiorização de traços e características sociais que se internalizam e passam a constituir os elementos diferenciadores de uns a respeito de outros), estabelece hábitos, ‘naturaliza’ comportamentos”.



igual maneira, o processo de formação da identidade cultural está intrinsecamente ligada a historiografia brasileira. Logo há de se constatar que movimentos que se preocuparam com brasilidade, ou identidade brasileira são oriundos de um contexto onde o país se encontrava em um processo recém-pós escravocrata, de instauração da república democrática. Expressões vanguardistas iniciaram-se no decênio de 1920, em um movimento cultural denominado modernismo, que propunha “a consolidação da ruptura com a tradição, com o academismo e com a valorização da arte nacional” (MORAES, s/d, p.2). Distinguindo-se por valorizar as “cores tropicais, pela liberdade na representação e também na escolha dos temas que englobava os personagens populares, incluindo o operário, o homem comum”. Essa relação soava para alguns autores, segundo Moraes (s/d, p.3) como o “declínio da fé na modernidade”.

A década de 1940, por sua vez, é que pode ser considerada como momento de efervescência na produção de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa. Pois, em 1920, no início da produção brasileira buscava distinguir-se e o fazia pela negação:

Se ainda não se podia definir o que era ser brasileiro, sabia-se ao menos que ele não era português. O índio passou a ser valorizado em nosso romantismo nacional, como elemento distintivo, ainda que reconstruído, a partir de valores europeus”. (MORAES, s/d, p.3)

Sobre a cultura brasileira e a identidade nacional, faz-se necessária a menção de um fragmento do texto:

A cultura brasileira é múltipla e diversa, mas a ‘cultura brasileira’, que sustenta certa identidade nacional, é resultado da construção simbólica de sujeitos sociais definidos em um determinado tempo histórico. (MORAES, s/d, p.4).

Desta forma, percebe-se que nas décadas de 1930 e 40 existiu “um esforço por afastar o brasileiro comum da visão do “malandro”. Ele agora é o homem da fábrica, do trabalho”. Isso, porque há uma sensibilidade e também um “esforço político de um Estado que quer alcançar o homem comum e integrá-lo ao seu projeto” (MORAES, s/d, p.4).

É importante lembrar ainda, que a sociedade brasileira moderniza-se em diferentes setores apenas após a Segunda Guerra Mundial. Para Ortiz (2001, p. 113), “se os anos 40 e 50 podem ser considerados como momentos de incipiência de uma sociedade de consumo, as décadas de 60 e 70 se definem pela consolidação de um mercado de bens



culturais”<sup>10</sup>. Essas evoluções estão associadas às transformações estruturais nas quais transcorrem a sociedade brasileira, pois as mudanças nos planos político e econômico com o crescimento do pólo industrial, do mercado interno de bens materiais e também do mercado de bens culturais se fortaleceram. Além disso, houve um grande volume de produção de bens culturais nos anos 60 e 70, diferente das décadas anteriores que atingiam uma pequena parcela da população. E, desde então, a produção de bens culturais começou a diversificar-se e conseqüentemente cobrir uma massa consumidora. A cultura regional, por sua vez, seguindo uma perspectiva mais abrangente, abarca todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizem sua realidade sociocultural. Sejam essas manifestações de caráter “erudito”, “popular” ou “massivo”, uma vez que, todas vertentes estão historicamente entrelaçadas (OLIVEN, 1985 e FADUL, 1976 apud JACKS, 2004).

Em relação à origem, é possível afirmar que a expressão cultura regional surgiu com o romantismo alemão. Segundo Burke apud Vianna (1990. p, 244), o filósofo Johann Gottfried Herder foi o responsável pela criação da idéia de cultura popular, nesse caso, considerando “a cultura como um todo formado pela música, dança, credences, artesanato e outras manifestações artísticas”<sup>11</sup>.

Ao fazer um comparativo entre as chamadas cultura popular e cultura regional, é possível perceber que ambas estabelecem ícones como privilégios culturais em suas afirmações. De acordo com Larousse apud Ostemberg (2004, p. 241)<sup>12</sup>, cultura “abrange tudo e está em todos os aspectos da vida”. Dessa maneira, cultura vai além de ícones materiais ou imateriais.

Para Maria Eunice Moreira (1982, p.9,) apud Jacks,(2004, texto eletrônico) em se tratando de produção cultural:

Considerar-se-ia regional toda a obra que intencionalmente ou não, traduzisse peculiaridades locais de uma determinada região. Isto é, toda obra seria regional quando uma realidade particular ali estivesse representada”, e “mais especificamente, porém, uma obra de arte, para ser regionalista, além de ser localizada numa região particular, deve refletir também os elementos ideológicos dessa realidade regional” (JACKS, 2004, texto eletrônico).

<sup>10</sup> ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 2001, 5ª edição.

<sup>11</sup> OSTEMBERG, Rodrigo. Expressão: nomes da Cultura Sul-matogrossense – A Cultura regional Sul-Matogrossense. Disponível em: <http://www.ostemberg.fotografic.com.br/?p=310>. Acesso em 15 mar 2010.

<sup>12</sup> Idem .



Então, as culturas regionais, como tudo no âmbito da cultura, possuem elementos da tradição e da inovação, o que constitui a dinâmica cultural, que é de igual maneira dinâmica quanto à sociedade envolvente. Portanto, é possível perceber que a cultura pode ser entendida como um processo de desenvolvimento da mente que se utiliza de meios para se estabelecer, entre eles o jornalismo.

### **Jornalismo Cultural**

O jornalismo cultural pode ser conceituado como:

[...] os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica, singularidade, etc) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem/projetam (outros) modos de pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido. (GADINI, 2004b, p. 1, apud LOPES e FREIRE, 2007, p.2 e 3).

Segundo Basso (2006, p. 3), o jornalismo cultural vai além da análise e da divulgação dos produtos da chamada cultura ilustrada (literatura, pintura, escultura, teatro, música, arquitetura e cinema), abrangendo ainda “a cultura popular, o comportamento social – formas de ser e se portar, e as ciências sociais, ajustadas em certa medida ao campo da produção jornalística”. Assim, nota-se a dicotômica atuação do jornalismo cultural, uma vez que, difunde e analisa criticamente as culturas e também formata uma manifestação do pensamento (BASSO, 2006).

Para Piza (2004, p.45), o jornalismo cultural deve ser “desprovido de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política”. Contudo, o autor afirma também que devido ao fato do jornalismo cultural ter uma função, ele acaba selecionando aquilo que será reportado, influenciando sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecendo elementos e argumentos para sua opinião. “A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (PIZA, 2004 p.45).

No início, o fazer jornalístico advindo das escolas européias, apresentava-se de uma forma mais literária, preocupando-se com a estética, e com a lealdade, além da hierarquização das informações serem menos rígidas. Nesse contexto, assuntos de caráter cultural eram tratados de forma mais livre e recorrente. Todavia, desde a década de 1950, oriundos das escolas norte-americanas, institucionalizou-se no Brasil o lide, a



pirâmide invertida e a objetividade impulsionando o factualismo, o imediatismo e a forma noticiosa de se fazer jornalismo.

As técnicas utilizadas para urdir estes textos foram criadas pela necessidade de se fazerem compreendidos. Sendo assim, Gabriel García Marquez apud Mendel (2002, p 20)<sup>13</sup> ao ser interrogado sobre a relação literatura e jornalismo responde: “o ideal seria que a poesia fosse cada vez mais informativa e o jornalismo cada vez mais poético. Um ideal que, como pode observar-se nos bons escritores do jornalismo moderno, parece haver-se cumprido”.

Em contrapartida, a falta de espaço, o custo, o *dead line* (termo inglês para designar o tempo de fechamento do jornal) e a ‘competição’ com os aparatos tecnológicos da informação (rádio, televisão e a internet) culminaram na produção de matérias curtas e com informações superficiais. Não obstante, alguns veículos aumentaram a publicação de assuntos relacionados à cultura, entretanto, sob a perspectiva da indústria cultural, ou seja, veiculando informações a respeito da agenda cultural e algumas expressões e opiniões sobre espetáculos, livros e filmes.

Dentro desta conjuntura, o jornalismo cultural se desenvolve em veículos temáticos. Em meios impressos, por exemplo, o jornalismo cultural encontra-se em jornais e revistas de circulação com intervalos intermitentes (isto é, com a periodicidade semanal/mensal), nos quais as informações são urdidas e trabalhadas a partir de um crivo crítico-opinativo que pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por um colaborador.

O jornalismo de revista, segundo Cremilda Medina (1988) apud Basso (2006, p.7) é feito como “forma de conhecimento”, pois a abordagem tende a ser aprofundada e assim “a notícia se transforma em história”. Com isso a “atualidade passa ser considerada em contemporaneidade”. O tratamento dado ao texto publicado está ligado também à questão da periodicidade. Caso a revista seja mensal, o jornalista terá mais tempo para uma apuração minuciosa. Segundo Garcia Márquez apud Goulart (2006)<sup>14</sup>, “a melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor”. E, compreendendo “que só através do aprofundamento o jornalismo poderá cumprir o seu

---

<sup>13</sup> MENDEL, Manuel Ángel Vázquez. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*, Gustavo de Castro e Alex Galeno (organizadores) - São Paulo: Escrituras Editora, 2002. - (Coleção ensaios transversais).

<sup>14</sup> Texto eletrônico: GOULART, Alexandre. Uma lupa sobre o jornalismo de revista. Disponível em: <[www.observatorio.utlimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?...](http://www.observatorio.utlimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?...)>. Acesso em 5 set 2009.



verdadeiro e legítimo papel de colocar-se a serviço da sociedade, esta seria a verdadeira liberdade de imprensa”<sup>15</sup>.

### **A revista – Continente**

A revista Continente teve sua primeira edição publicada em dezembro de 2000. Editada mensalmente, o veículo tem sua circulação centralizada nos estados do nordeste, especificamente em Pernambuco, e em São Paulo. Trata-se de uma revista temática sobre cultura pernambucana, editada e subsidiada pelo governo de Pernambuco, cujas pautas referem-se à brasilidade a partir da identidade cultural do Estado, que seria uma parte do todo.

Um detalhe que chama atenção na revista é o fato das editoriais do veículo não possuírem nomes fixos, com exceção de algumas seções como *Conexão*, *Entrevista*, *Matéria Corrida* e *Saída*. Apesar da nomenclatura ser variável, é possível perceber que os temas sempre giram em torno das artes (música, literatura, cinema e fotografia). Contudo, Continente dá preferência aos assuntos que expressem<sup>16</sup> a cultura regional.

Com o objetivo de investigar como o jornalismo pernambucano divulga marcas da cultura regional, foram escolhidas e analisadas as edições 106, 107 e 108 da revista Continente publicadas nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2009. A escolha das edições se deu de forma ocasional, contudo, as seções selecionadas para a análise foram escolhidas de acordo com o seu conteúdo. O critério utilizado foi que o texto deveria conter informações que tivessem relação com a cultura de Pernambuco.

A edição 106 de Continente apresentou uma entrevista com Newton Moreno (dramaturgo pernambucano, mestre em artes cênicas pela USP), que, segundo a revista, é “um dos dramaturgos mais festejados da cena teatral brasileira”. A matéria escrita pelo jornalista e poeta Astier Basílio, enquadra-se no gênero de texto descritivo, pois, na introdução, apresenta informações sobre a sede da companhia de teatro, fazendo um convite ao leitor. O assunto principal da entrevista é o espetáculo “Memória de cana” (Newton Moreno), que atrela a obra de Nelson Rodrigues (Álbum de família) às concepções de Gilberto Freyre sobre a família brasileira (Casa Grande & Senzala).

---

<sup>15</sup> CAMPOS, 2003, texto eletrônico. A Entrevista no Jornalismo Literário Avançado. Disponível em: <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/AEntrevistanoJLA.htm>. Acesso em 5 set 2009

<sup>16</sup> Aqui o termo expressão pode ser entendido como representação e/ou manifestação.





Segundo Moreno, a peça é um “casamento póstumo”<sup>17</sup> entre Nelson Rodrigues e Gilberto Freyre, considerados “dois grandes intérpretes do Brasil, reunidos pelo tema família brasileira”<sup>18</sup>. A cultura brasileira é expressa no espetáculo segundo a entrevista como as questões de “nossa formação e de nossas cicatrizes como nação”<sup>19</sup>.

Para a concepção da linguagem do espetáculo os atores, todos de educação nordestina com exceção de uma paulista, precisaram buscar suas próprias memórias familiares - “os sons, aromas, narrativas”<sup>20</sup> - para representarem uma família, nesse caso a *família brasileira*.

A matéria, ao citar a peça *Memória Cana* na entrevista, tem relevância como expressão da cultura brasileira, pois a peça traz manifestações da cultura brasileira nordestina, remetendo-se também à brasilidade no sentido da miscigenação racial e apresentando as relações étnicas - sociais formadoras do Brasil. Uma vez que a nordestinidade, entendida como cultura regional, tem a característica de apresentar a realidade sociocultural. Desta forma quando o dramaturgo faz a relação da família da peça com a família brasileira, ele abarca as concepções da estrutura socioeconômico cultural do país, concebendo a idéia de que os sistemas, sejam eles econômico, político e de parentesco, são elementos constitutivos de um sistema maior: o social (Williams, 1992).

O segundo material analisado da edição 106 de Continente foi a matéria de capa sobre a cinematografia pernambucana dentro de uma perspectiva qualitativa sobre a produção de cinema. O próprio título sugere: “Fábrica de cinema - Nunca se produziu tanto filme em Pernambuco”. A matéria é subdividida em duas partes, sendo “Cinema Safra recorde” (que se refere ao número e títulos de produção) e “Longa-metragem – Passagem afetiva pelo (do) sertão”. Na primeira matéria o questionamento sobre a validação do cinema brasileiro pela perspectiva do estrangeiro, expressando a partir do pressuposto (que inclusive é abordado na segunda matéria) que o cinema autoral<sup>21</sup> permite uma viagem de “descobrimto capaz de reforçar identidades e, sobretudo, de possibilitar o acesso a diferentes povos e culturas dispersos pelo mundo”<sup>22</sup>. As produções cinematográficas elencadas pela revista podem ser consideradas como

<sup>17</sup> BASÍLIO, Asterier. Continente, 2009, Ed. 106, p. 10.

<sup>18</sup> BASÍLIO, Asterier. Continente, 2009, Ed. 106, p. 8.

<sup>19</sup> Idem, p. 8.

<sup>20</sup> Idem, p. 10

<sup>21</sup> Segundo Rocha (2003, p.36), na tentativa de situar o cinema brasileiro como expressão cultural, afirma que o cinema autoral: “o cinema, em qualquer momento da sua história universal, só é maior na medida dos seus autores. [...] A política de um autor moderno é uma política revolucionária: nos tempos de hoje nem é mesmo necessário adjetivar um autor como revolucionário, porque a condição de um autor é um substantivo totalizante”. Este procedimento metodológico é denominado ‘método autor’.

<sup>22</sup> Costa, Marcelo. Continente. Ed. 106, p. 28.



expressão da cultura regional. Segundo Jacks (2004), se a obra traduz e representa particularidades, agregando elementos ideológicos de uma região, dever ser considerada como uma expressão de cultura regional.

A edição de número 107, referente ao mês de novembro de 2009, coincide com o quinquenário da morte do compositor brasileiro Villa-Lobos. Mas, o material analisado foi uma entrevista com Moacir dos Anjos, 46 anos, pernambucano, curador da próxima bienal de São Paulo, que apresenta a questão revolucionária da arte, no sentido do poder de mudança. A arte, segundo o entrevistado, não só tem potência política, com também tem um “caráter irredutível a outros campos do conhecimento”<sup>23</sup>. Ele elucida ainda a idéia valendo-se de citações de personagens de Godard, como “cultura é regra, e arte, exceção”<sup>24</sup>. O curador afirma que a arte assemelha-se diretamente com a política em seu sentido mais amplo: “o poder de afetar nossa experiência sensorial diante do que existe e, dessa forma, nossa maneira de entender o mundo”<sup>25</sup>.

A entrevista, além de reforçar informações sobre a Bienal de Arte de São Paulo, fala sobre a importância da política para a arte e da nomeação de Moacir dos Anjos (um pernambucano) para ser o curador de um dos eventos de arte mais importante do país. Logo, além da valorização do profissional, há também de certa forma uma promoção da cultura regional pernambucana, uma vez que, ainda que Moacir seja um profissional renomado, vale ressaltar que toda concepção de mundo perpassa pela óptica cultural regional (uma vez que as vivências são – dentro desta metáfora- as lentes).

A cultura ao ser conceituada como tudo que é produzido pelo ser humano e tem a capacidade de representá-lo, pode-se afirmar que a entrevista expressa símbolos de manifestações culturais ao relacionar o papel da arte como agente transformador de experiências sensoriais diante do que já existe, e assim modificar a concepção de mundo. Segundo Siqueira (2007, p.111), a cultura é a característica que une os seres humanos, mesmo que pertençam a nacionalidades diferentes. “Ou seja, somos diferentes e é justamente essa diferença na forma de ser, pensar, existir, agir e simbolizar que nos torna iguais.”

Já na edição de número 108 da revista *Continente*, referente ao mês de dezembro trouxe uma matéria escrita por Daniel Buarque, intitulada de “Mocotó – Gosto bom do sertão na supermetrópole”. A matéria refere-se a um estabelecimento que serve refeições

---

<sup>23</sup> Idem, p. 8.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Buarque, Daniel. *Continente*, ed. 108, p. 67.



nordestinas - a comida dos mercados do Recife, na zona norte de São Paulo. Para o chef Oliveira (filho e sócio do dono sr. Zé Almeida, nascido em Mulungu-PE), “o Sertão não tem fronteiras de Estado. É uma questão de bioma, de cultura”<sup>26</sup>. A culinária e gastronomia fazem parte do patrimônio (imaterial) cultural de um povo, trata-se um símbolo capaz de representar características de uma sociedade em um espaço de tempo<sup>27</sup>. A narrativa jornalística tem um papel fundamental na formação identitária e também uma importância sociocultural na estrutura midiática quanto à veiculação de informações sobre culturas regionais. Além de a imprensa cultural ter o dever, segundo Piza (2004, p. 45) do senso crítico, da avaliação de seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. Dentro desta conjuntura os meios de comunicação de massa, no caso a revista, atuam como intérpretes políticos de formação, transformação, e fixação da cultura e dos seus símbolos, da “forma de vida espiritual da sociedade”<sup>28</sup> em questão.

### **Considerações Finais**

A identidade de um povo quando oriunda e respaldada em uma cultura regional, particular ou tradicional, para legitimar-se, passa por um processo de autenticação no qual as instituições sociais têm um papel imprescindível. Neste contexto sociocultural, econômico e político, os meios de comunicação e governo político-administrativo constituem-se como as principais instituições legitimadoras da identidade cultural de um povo.

A narrativa jornalística normalmente desenvolve o papel de atribuição de sentidos e criação de valores. No caso do jornalismo cultural pernambucano, expresso na revista *Continente*, tal narrativa funciona como um mediador das relações, das realidades e dos contextos socioculturais da região. Ao publicar marcas e expressões da cultura regional, a revista se torna capaz de influenciar nas características já consolidadas da tradição pernambucana presentes na memória coletiva, participando assim do processo dinâmico de transformação dessa mesma tradição, da cultura local e da *práxis* social que formam a identidade regional.

A revista *Continente*, subsidiada pelo governo do Estado de Pernambuco, apresenta em suas matérias uma escolha de pautas e de personagens referentes à cultura regional.

---

<sup>26</sup> Buarque, Daniel. *Continente*, ed. 108, p. 67.

<sup>27</sup> Retirado de texto eletrônico. Orico, Osvaldo. **Culinária e cultura. Disponível em:** <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/cp63002a.asp>. Acesso em 31 jan 2010.

<sup>28</sup> Rosental, M. e Montevidéu, P. Iudin (1950, p.104) apud SODRÉ, (1974, p. 9).



Trata-se de uma forma de divulgar, promover e valorizar a chamada pernambucanidade, ou seja, ou seja, o modo de ser e estar comuns aos pernambucanos - ao exprimir representações das particularidades desta cultura.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Revista Senhor: Jornalismo cultural na imprensa brasileira.** Disponível em: [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Basso.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Basso.pdf). Acesso em 5 set 2009.

CAMPOS, Pedro Celso. **A Entrevista no Jornalismo Literário Avançado.** Disponível em: <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/AEntrevistanoJLA.htm-> . Acesso em 5 set 2009.

CASTRO, Gustavo & Galeno, Alex. **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra.** São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (Coleção ensaios transversais).

CUCHE,

GOULART, Alexandre. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista.** Disponível em: [www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp](http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp). Acesso em 5 set 2009.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional.** Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/jacks-nilda-midia-nativa.html>. Acesso em 17 nov 2009.

LOPES, Debora & FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz.** Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em 10 out 2009.

MAIA, Antonio Cavalcanti. **Diversidade Cultural, identidade nacional brasileira e patriotismo constitucional.** In *Diversidade cultural brasileira.* (Org.)

LOPES, Antonio Herculano & CALABRE, Lia. Rio de Janeiro:Edições Casa Rui Barbosa,2005.288p

MORAES, Sonia. **Cultura brasileira e identidade nacional: uma leitura sobre o modernismo.** Disponível em: [www.republicacenica.com.br/downloads/textos/textosonia.pdf](http://www.republicacenica.com.br/downloads/textos/textosonia.pdf). Acesso em 17 nov 2009.

ORICO, Osvaldo. **Culinária e cultura.** Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/cp63002a.asp>. Acesso em 31 jan 2010.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 2001, 5ª edição.



OSTEMBERG, Rodrigo. **Expressão: nomes da Cultura Sul-matogrossense – A Cultura regional Sul-Matogrossense**. Disponível em:  
<http://www.ostemberg.fotografic.com.br/?p=310>. Acesso em 15 mar 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto. 2ª Ed. 2004.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e SIQUEIRA, Euler David de. **A cultura no jornalismo cultural**. Disponível em:  
[http://ppgcomufjf.bem-vinindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=viewPDFInterstitial&path\[\]=5&path\[\]=15](http://ppgcomufjf.bem-vinindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=viewPDFInterstitial&path[]=5&path[]=15). Acesso em: 10 out 2009

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1974.

TEIXEIRA, Nísio. **Impacto da internet sobre a natureza do Jornalismo Cultural**. Disponível em: [http://www.fca.pucminas.br/hipertexto/n\\_teixeira.doc](http://www.fca.pucminas.br/hipertexto/n_teixeira.doc). Acesso em 18 dez de 2009.

WILLIAM, Raymond. **CULTURA**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.